

A face oculta do "paraíso"

Sheila Dunaevits

Quem chega com olhos de comparação não pode enxergar Brasília. No máximo, sentirá saudades da terra natal ou escreverá laudas e mais laudas criticando o poder e suas maledicências, o que tem tudo a ver com o azar dos brasileiros e muito pouco com a própria cidade.

Quem disse que a angústia não passa por aqui? Ela já começa dentro do avião, ou do ônibus, ou do carro, com a cabeça minhocando as mais tenebrosas informações sobre a vida na capital da República. Passado o impacto inicial, vem a surpresa: viver em Brasília é adquirir formas de saber conviver — com o poder que fascina, que atrai, mas mancha; com pessoas de todas as direções, todos os credos, todas as (in)formações. É descobrir, afinal, que o tiro saiu duplamente pela culatra: a cidade não é o sonhado paraíso da conformidade, e também não é o oásis da abundância e das mordomias generalizadas.

Curioso é que toda referência ou crítica a Brasília exclui seus habitantes, como se fossem todos seres amorfos, sem carteira de identidade, passado e futuro. Fala-se da "Corte" como se ela não comportasse os segmentos que vivem à base do suor, da preocupação com o mundo, da solidariedade, do ingênuo, sedutor e espontâneo papo de esquina. Não a esquina dos outros, mas a sua.

Criada para abrigar o poder, um dito poder, afastado das mazelas do resto do País, Brasília é hoje uma cidade que sofre. Pelo ônibus que não veio, pelas ruas esburacadas, pelas medidas de emergência, pela falta de representação política, por sua própria vergonha nacional. Brasília é hoje uma cidade que ainda deleita, mas tanto quanto oprime — e leva seus habitantes a questioná-la, a apoderar-se de seus espaços à revelia, a ver no outro não o eterno adversário, mas às vezes o fiel companheiro.

Nascida no papel para servir a um pequeno grupo e mesmo servir de guarda ao arbítrio, a cidade tem de suportar, conviver, com um local semelhante a um barril de pólvora: UnB. Precisa, e tenta, criar seus próprios modelos, fazer seus músicos e poetas. Mas quem disse que só existe um caminho? E quem falou que se deve ou se pode olhar para trás?

É verdade, a proposta assusta. No início pelo ar de impessoalidade e artificialidade; com o tempo, por implicar numa dolorosa caminhada de cada um

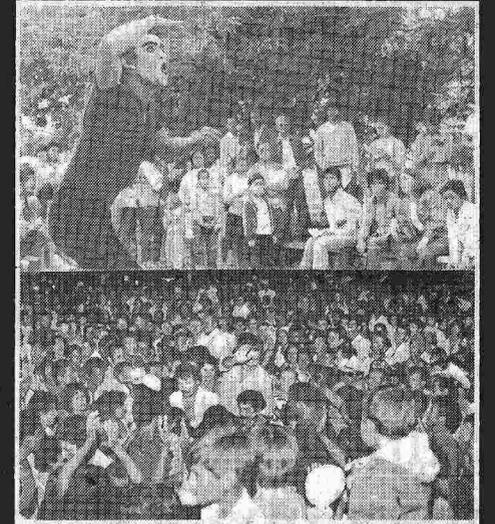
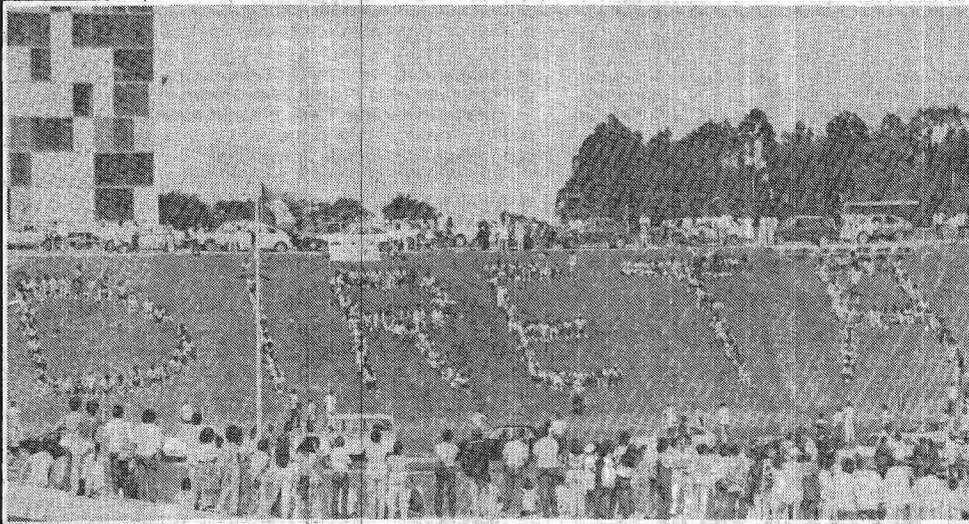
até si mesmo. Nada é muito fácil, a não ser para meia dúzia de privilegiados. A luta pela moradia, alimentação, emprego, convivência — pode levar uma vida toda, a menos que se decida aceitar a cidade como algo que virá, em processo de ser feito.

Ao reconhecer que a questão é polêmica, abre-se uma brecha para admitir que Brasília não tem ainda um perfil definido, a não ser por sua arquitetura. Sociólogos ponderam que a cidade é muito jovem para ficar incrustada nos vícios do poder e nas migalhas que ele oferece. Muito cedo, ainda, para dizer que tudo foi aprendido. E que nada pode ser alterado.

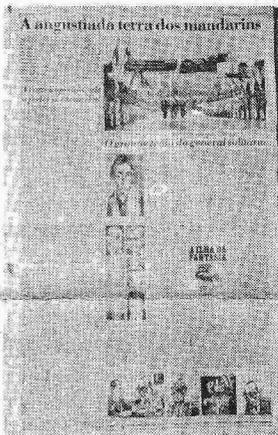
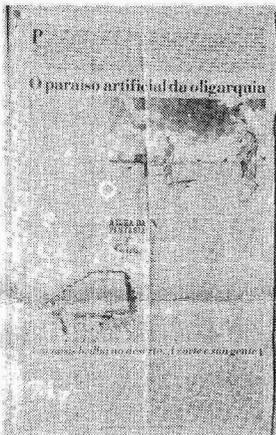
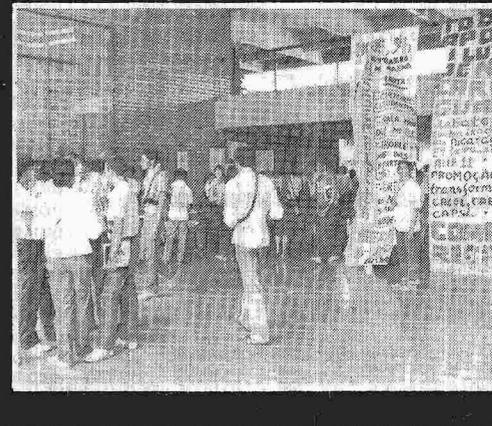
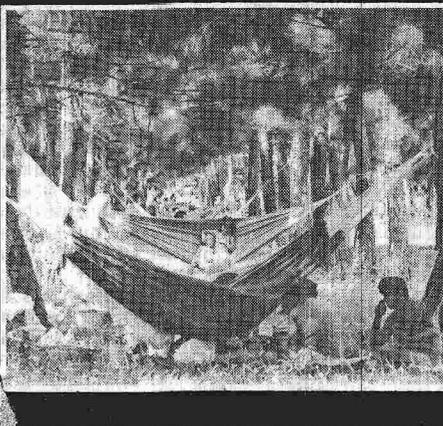
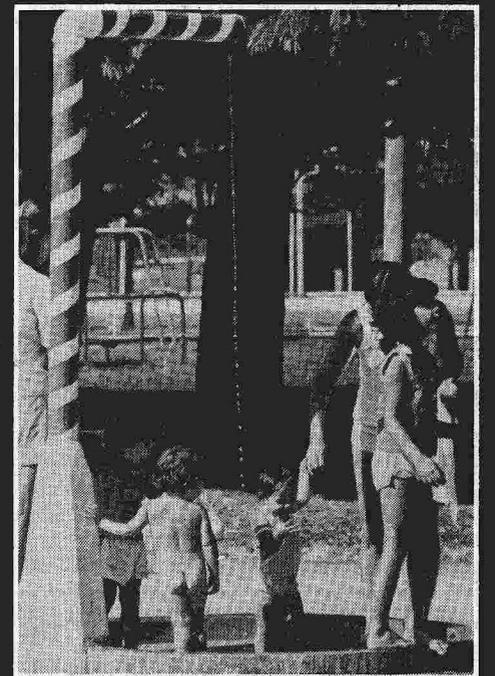
Quem começa a entrar em sintonia com os grandes espaços da cidade — que significa entrar em sintonia com um sabor ou brinquedo novo — passa a repelir os estereótipos: óbvio que viver ao lado do poder tem seu ônus, mas o poder não seria menos poderoso em qualquer outro lugar que o colocassem; óbvio que a felicidade dos habitantes mais cotados do lugar é aparente, como todas as felicidades muito ostensivas, e quanto à "Corte", seus súditos preferem os finais de semana no Rio de Janeiro, por exemplo; ou em São Paulo. Com ou sem jatinho. E de lá voltam banhados com a mesma artificialidade que, em Brasília, por ser Brasília, vira manchete.

Para o habitante que tem mais o que fazer, do que se preocupar em roubar fatias dos poderosos ou falar mal da vida alheia, a cidade consegue ser incrivelmente generosa em seus acertos — mais até do que qualquer outra. É bastante impiedosa em seus erros: é o preço da contradição. Mas quem decide, assim mesmo, por ela, é porque acha que não dói, até faz cócegas. E nos momentos mais inesperados.

A síndrome da angústia só ataca aqueles que não "caíram na real". Os que discursam a cidade, ao invés de vivê-la e fazê-la. Os que se queixariam da vida onde quer que estivessem. Os subprodutos de fora, aqui despejados. Os que tentaram, mas não conseguiram alcançar as migalhas — e vieram só pra isso. Os que não quiseram arriscar. Os que só imaginavam a cidade como o reinado da fantasia, e se decepcionam, porque a fantasia, embora exista, é outra. E mais: os banidos, esquecidos, caídos em desgraça, são realmente uma parcela considerável, a mais angustiada, mas quem é de bom senso não lhes inveja a sorte e deseja a todos uma boa viagem de volta.



Durante três dias consecutivos, o repórter Luiz Fernando Emediato, do jornal "O Estado de São Paulo", publicou matérias sobre o perfil de Brasília, tentando, em espaço limitado, dar conta da esfinge que (ainda) é a cidade. Não saiu devorado, mesmo porque, como reconheceu, os mistérios da controvertida capital do poder nunca se esgotam. Cada foto destas é uma faceta — parcial como todos os ângulos. Uma brasiliense também dá sua versão.



A ótica artificial, angustiada e vendável publicada n'O Estado de S. Paulo